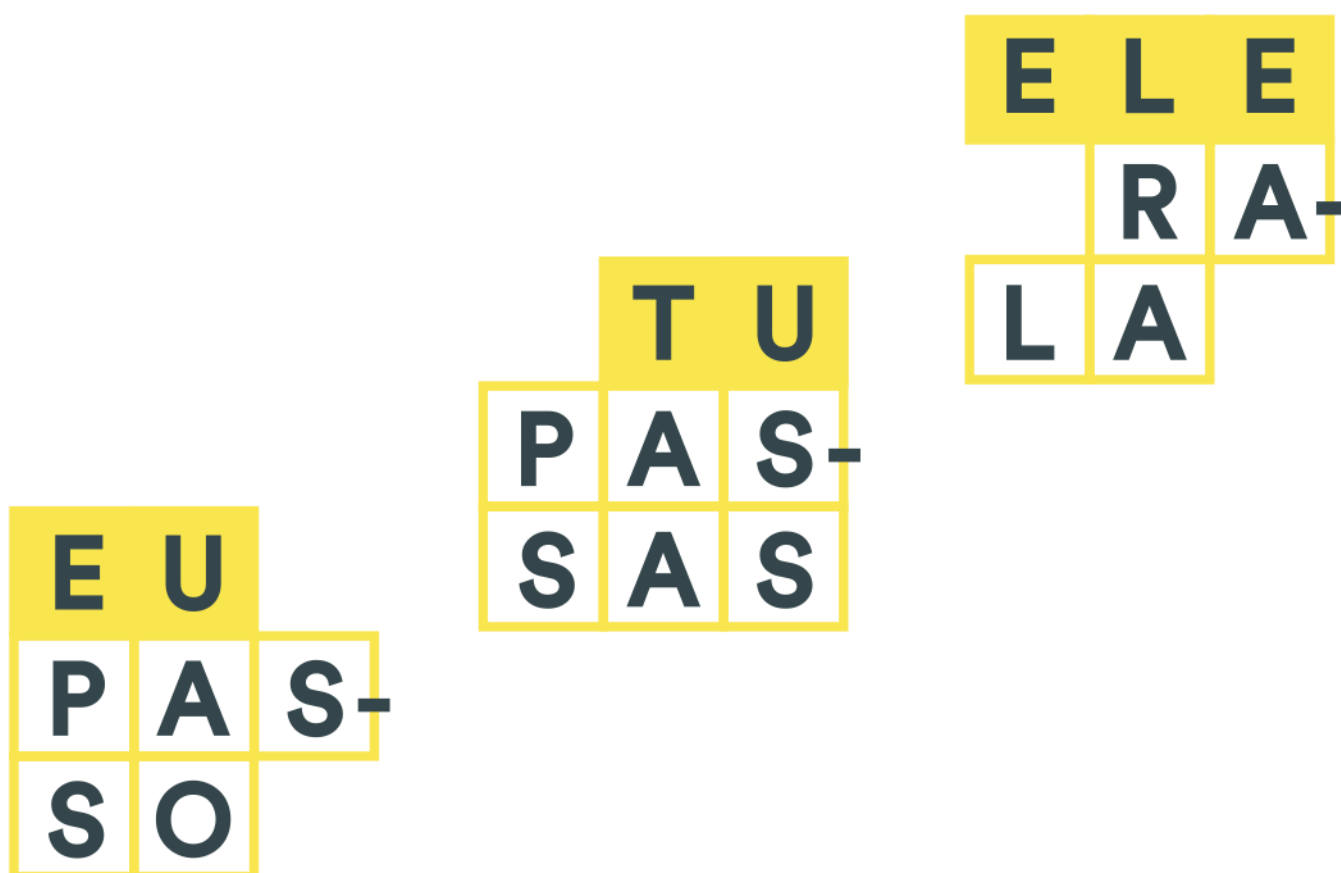


Resolução de Questões de Provas Específicas de Português – (5)



Resolução de Questões de Provas Específicas de Português

1. (UEMG) Este é um trecho do conto *A terceira margem do rio*, de João Guimarães Rosa. Neste trecho, o narrador descreve o momento em que o pai, de posse de sua canoa, se despede da família.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás.

ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 32. A variação linguística negritada nesse trecho do conto é responsável por

- a) classificar os personagens em duas categorias: os que sabem e os que não sabem usar os pronomes em quaisquer situações.
- b) destacar um importante aspecto da oralidade que é responsável pela construção do perfil da personagem humilde e ingênua.
- c) fornecer informações sobre o nível de escolaridade dos personagens, realçando, assim, a origem humilde dos habitantes ribeirinhos.
- d) indicar o nível de formalidade e de distanciamento da mãe em relação ao pai, pois o pronome varia do menos ao mais formal.

2. (UEMG) “A elipse é um recurso linguístico que consiste na supressão de termo que facilmente se subentende. Quando omitimos o termo que anteriormente já fora expresso, no mesmo período, a elipse pode ser chamada de zeugma”.

HILDEBRANDO, A. *Gramática ilustrada*. 5.ed. SP: Moderna, 1997. p. 461

Há um exemplo claro de zeugma no verso

- a) “E de fazer canções como as que fez meu pai”.
- b) “E o meu dedo maior é o espelho se quebrar”.
- c) “Um craque da pelota ao me tornar rapaz”.
- d) “Um dia eu me tornei o bambambã da esquina”.

3. (UECE) Observe o contexto e marque a alternativa em que o enunciado, depois da substituição dos vocábulos em **negrito**, conserva o significado e as conotações que tem no texto: “andava uma velha desgrehada, farrapenta e suja, que a molecada perseguia com chufas, a que ela replicava com os piores doestos deste mundo”.

- a) vagueava uma mulher de idade avançada de cabelos em desalinho, maltrapilha e suja, que os meninos soltos pelas ruas perseguiram com caçadas, a que ela dava o troco com os piores insultos deste mundo.
- b) passeava uma senhora de pé no chão, farrapenta e suja, que as crianças perseguiram com gritos, a que ela protestava com os piores palavrões deste mundo.
- c) caminhava uma anciã desarrumada, mal vestida e suja, que os meninos mal educados chateavam com mentiras, a que ela repudiava com os piores gritos deste mundo.
- d) deslocava-se uma idosa desrespeitada, molambenta e suja, que os meninos de rua repudiavam com piadas, a que ela respondia com os piores palavrões deste mundo.

4. (UERJ)

Ode para o futuro

Falareis de nós como de um sonho.
Crepúsculo dourado. Frases calmas.
Gestos vagarosos. Música suave.
Pensamento arguto. Sutis sorrisos.
Paisagens deslizando na distância.
Éramos livres. Falávamos, sabíamos,
e amávamos serena e docemente.

Uma angústia delida, melancólica,
sobre ela sonhareis.

E as tempestades, as desordens, gritos,
violência, escárnio, confusão odienta,
primaveras morrendo ignoradas
nas encostas vizinhas, as prisões,
as mortes, o amor vendido,
as lágrimas e as lutas,
o desespero da vida que nos roubam

- apenas uma angústia melancólica,
sobre a qual sonhareis a idade de ouro.

E, em segredo, saudosos, enlevados,
falareis de nós - de nós! - como de um sonho.

JORGE DE SENA

a) As imagens positivas presentes na 1ª estrofe do poema, como Frases calmas (v. 2), opõem-se às imagens negativas da 3ª estrofe, como confusão odienta (v. 11). Explique a que se referem as imagens positivas da 1ª estrofe e a que se referem as imagens negativas da 3ª estrofe.

b) No poema, observa-se uma tentativa de interlocução entre o eu poético e as pessoas do futuro. Identifique a marca linguística que revela essa tentativa de interlocução. Em seguida, indique a quem o eu poético se refere com o emprego do pronome “nós”.

5. (UEMG) “Minas trabalha em silêncio, como (1) se diz (...) Fernando Sabino, que conhece a alma mineira como (2) a dele próprio, tem várias histórias para ilustrar como (3) seus conterrâneos ficam sempre na moita.”

Associe, a seguir, cada ocorrência da palavra como à função que ela exerce no trecho apresentado.

- () expressa ideia de comparação.
- () expressa ideia de conformidade.
- () equivale à expressão de que forma.

Assinale a sequência CORRETA:

- a) 2 1 3.
- b) 3 2 1.
- c) 1 2 3.
- d) 2 3 1.

6. (UERJ)

Crônica da abolição

Eu pertenço a uma família de profetas “après coup”¹, “post factum”², “depois do gato morto”, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido

5 por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (“coupe do milieu”³, mas eu prefiro falar a minha língua) levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as idéias pregadas por Cristo há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas idéias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça e pediu à ilustre assembléia que correspondesse ao ato que acabava de publicar brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo: fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caf na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

20 No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseses. Aqui tens casa amiga, já conhecida, e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! meu senhô! Fico.

— Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo: tu cresceste imensamente.

25 Quando nasceste eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

— Artura não qué dizê nada, não, senhô...

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis: mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

30 — Eu vaio um galo, sim, senhô.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo: aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois

35 estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio: daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente e (Deus me perdoe!) creio que até alegre. [...]

Poucos dias após a Abolição da Escravatura, o escritor Machado de Assis publicou nos jornais essa crônica, na verdade um pequeno conto irônico. A ironia é uma forma de relativizar uma posição, mostrando-a sob outra perspectiva.

Identifique o alvo da ironia de Machado de Assis e demonstre por que a contratação de Pancrácio como assalariado faz parte dessa ironia.

Gabarito

1. D
2. A
3. A
4. As imagens positivas se referem à idealização que se fará, no futuro, do presente em que o poeta vive. As imagens negativas se referem a acontecimentos reais do presente em que o poeta vive.
b) Marca linguística: falareis / sonhareis - O pronome “nós” se refere às pessoas do presente.
5. A
6. A existência de hipócritas dentre os que defendiam a abolição da escravatura. A contratação de Pancrácio como assalariado na verdade o mantém sob o domínio e a exploração do seu antigo dono, agora patrão.